

O Progresso Catholico

... sequor autem, si quo modo
comprehendam...

RELIGIÃO E SCIENCIA

...ad ea quae sunt priora extendens meipsum
ad destinatum persequor, ad bravium
triumphi Ecclesiae... in Christo Jesus

AD PHILIP. 3. 12.

LITTERATURA E ARTES

ID. 13. 14.

SUMMARIO: Carta Encyclica do Nosso Sancto Padre Leão XIII; Duas conclusões do Congresso Catholico em Braga, pelo Padre J. Mariz; Appello para uma peregrinação a Roma por ocasião do tricentenario de S. Luiz Gonsaga, pelo Padre Illidio José Vieira da Costa; Para a Historia, por A.—Secção critico-historica: O morticínio de Besiers, por José Victorino Pinto de Carvalho.—Secção Critica: Liberalismo e Socialismo ou a questão social em Portugal, pelo Padre J. A. R.; Notas soltas, por M. C.—Secção Necrologica, por D. P.—Retrospecto, por F.

Gravuras: Unico amigo.

CARTA ENCYCLICA

DO NOSSO SANCTO PADRE


LEÃO XIII

Aos nossos veneraveis irmãos os Patriarchas, Primazes, Arcebispos e Bispos do mundo catholico, em graça e communhão com a Sé Apostolica.

Da condição dos Operarios

LEÃO XIII PAPA

Veneraveis Irmãos,
saude e benção Apostolica

 SÊDE de innovações que ha tanto se apoderou das sociedades e as traz n'uma agitação febril, devia, cedo ou tarde, passar das regiões da politica para a esphera immediata da economia social.—E com effeito, os incessantes progressos da industria, os caminhos novos que para si traçaram as artes, a alteração das relações entre os operarios e os patrões, a affluencia da riqueza nas mãos do menor numero a par da indigencia da multidão, a opinião emfim mais elevada que de si conceberam os operarios e sua mais compacta união, tudo isso, sem falarmos da corrupção dos costumes, produziu como final resultado um pavoroso conflicto. Por toda a parte, se vêem os espiritos perplexos e n'uma ansiosa expectativa, o que de per si é sufficiente para demonstrar quam graves interesses d'elle se acham dependentes. Tal situação preoccupa e exercita ao mesmo tempo o genio dos doutos, a prudencia dos sabios, as deliberações das reuniões populares, a prespicacia dos legisladores e os conselhos dos governantes, sem que haja causa nos tempos actuaes que mais intensamente prenda o espirito humano.

Por esta razão, quanto em prol da Igreja e da salvação commum dos ho-

mens, hemos já dicto em nossas Encyclicas acêrca da soberania politica, da liberdade humana, da constituição christã dos Estados e d'outros assumptos analogos, no intuito de combater, consoante Nos parecia opportuno, as opiniões erroneas e fallazes, julgamos Nos cumprir reiterar-vol-o hoje e por eguaes motivos, Veneraveis Irmãos, ao entreter-vos com respeito à *condição dos operarios*.

Em proposito, por mais d'uma vez, Nos temos referido ao assumpto; entretanto, a consciencia de Nosso ministerio apostolico nos induz a desinvolvel-o n'estas Lettras, mais explicitamente e com maior amplitude, para quanto convem evidenciar os principios d'uma solução conforme à justiça e equidade.

Difficil e arriscado é resolver o problema, pelo perigo que surge, em determinar ao certo os direitos e os deveres, simultaneamente referentes à riqueza e ao proletariado, ao capital e ao trabalho.

Demais, accresce a embaraçar a questão o esforço empregado por muitos homens turbulentos e astutos em a desnaturar, e lançar mão d'ella, para excitar as multidões e provocar desordens. Não obstante, achamo-Nos convencido, e é sentir unanime, que se torna sobremodo urgente acudir, com medidas promptas e efficazes, em auxilio dos homens das classes inferiores, que se vêem, na sua maior parte, atravessando um periodo de infortunio e miseria imerecida. Derrocou o ultimo seculo, sem nada lhes substituir, as corporações antigas, que a taes classes abrigavam com sua protecção; todo o principio e todo o sentimento religioso desapareceu das leis e das instituições publicas, e d'est'arte pouco e pouco os trabalhadores, isolados e sem defesa, acharam-se no correr do tempo à mercê de amos ou patrões deshumanos, e expostos à cupidéz desenfreada dos concorrentes.—O mal foi ainda aggravado por uma usu-

ra voraz, mais d'uma vez condemnada pelo juizo da Igreja, mas de continuo exercida, sob esta ou aquella forma, por homens sedentos de lucros. Para cumulo de tudo isto, apparecem o monopolio do trabalho e os varios ramos de commercio tornados a partilha d'um pequena numero de ricos e opulentos, que assim impõem um jugo quasi servil à innumeravel multidão dos proletarios.

Como remedio ao mal, os *socialistas*, instigando a inveja dos pobres contra os ricos, pretendem seja supprimida a propriedade dos bens privados, se tornem communs a todos os haveres de cada um, e se deponha a sua administração nas mãos das municipalidades ou do Estado. Por esta transferencia da propriedade e esta repartição igual das riquezas e commodidades entre os cidadãos, promettem elles a extincção radical dos males que em nossos tempos agitam a sociedade. Similhante theoria, porém, longe de pôr fim ao conflicto, seria em prejuizo dos operarios, se algum dia se viesse a realizar. E' soberanamente injusta, pela violação que produz nos direitos legitimos dos proprietarios, pela desnaturalisação levada às funcções do Estado, pela desordem profunda com que abalaria o edificio social.

Em verdade, como é facil de entender, a razão intrinseca do trabalho por todo aquelle que exerce uma arte lucrativa, o fim immediato a que aspira o trabalhador, é conquistar um bem que possuirá como proprio, como coisa que lhe pertença; porque se põe ao arbitrio d'outrem as suas forças e industria, não tem outro intento que obter os necessarios recursos para prover à sua sustentação e demais necessidades da vida, e espera de seu trabalho, não só o direito ao salario, mas ainda um direito restricto e rigoroso de fazer d'elle o uso que melhor lhe pareça. Se com a redução das despezas consegue fazer algumas economias, e para conser-

vação d'ellas as emprega na aquisição d'um campo, é da maior evidencia que esse campo outra coisa não é que o salario transformado: o immovel assim adquirido será a propriedade do artista pelo mesmo titulo que a propria remuneração de seu trabalho. Mas quem não vê que n'isso mesmo consiste precisamente o direito de propriedade mobiliaria e imobiliaria? A conversão pois da propriedade privada em propriedade collectiva, tam preconizada pelo socialismo, não teria outro effeito senão tornar mais precaria a situação dos operarios, retirando-lhes a livre disposição de seus salarios e destruindo-lhes d'um só golpe toda a esperança e possibilidade de augmentar o patrimonio e melhorar de situação.

Mas, e parece isto ainda mais grave, está o remedio proposto em flagrante opposição com a justiça, porque a propriedade privada e pessoal é de direito natural para o homem. Com effeito, ha n'este ponto notabilissima differença entre o homem e os animaes destituidos de razão. Estes não se governam por si mesmos; são dirigidos e governados pela natureza, mediante um duplo instincto que ora lhes conserva sempre a actividade prompta e lhes desinvolve as forças, ora lhes incita e determina ao mesmo tempo cada um de seus movimentos. Um primeiro instincto os leva á conservação e defesa da vida propria, um segundo á conservação da especie—duplo resultado que elles facilmente obtêm pelo uso das coisas presentes, postas ao seu alcance; nem de mais seriam capazes, sendo apenas movidos pelos sentidos e pelos objectos particulares percebidos pelos sentidos.

Mui diversa é a natureza do homem. N'elle reside plena e perfeita a virtude da natureza sensitiva, e por isso, não menos que a esta, lhe é concedido gozar dos objectos physicos e corporeos. No entanto, a vida sensitiva, embora possuida em toda a plenitude, não só não abrange toda a natureza humana, mas lhe é inferior e feita para dar-lhe obediencia e andar-lhe sujeita. O que ha mais nobre em nós, nos faz homens, e nos distingue essencialmente do bruto, é a razão ou a intelligencia. Por essa prerogativa importa reconhecer no homem não só a faculdade geral de usar das coisas exteriores, mas além d'isso o direito estavel e perpetuo de possuir tanto as que se consomem pelo uso, como as que permanecem depois de nos terem servido.

Melhor se descobre esta verdade, se mais fundo investigarmos a natureza humana. O homem com o poder da sua intelligencia abrange um sem numero de objectos; ajunta ás coisas presentes as futuras, e as relaciona entre si; é senhor de suas acções; demais, sujeito

á lei eterna e sob o poder de Deus que providencialmente rege as coisas, é, para si mesmo, de certo modo, a sua lei e a sua providencia, d'onde vem ter o homem o direito de escolher as coisas que julga mais aptas ao seu fim, tanto no presente como no futuro. Consequentemente, cumpre-lhe exercer dominio não só nos fructos da terra, mas ainda na mesma terra, que elle vê destinada a ser, pela fecundidade que encerra, a sua fornecedora pelo tempo adeante. As necessidades do homem são como de perpetua exigencia: satisfeitas hoje, vêmol-as amanhã com nova força. Importa pois que a natureza tenha concedido ao homem um elemento estavel e permanente, adequado a perpetuamente lhe ministrar os recursos, e este elemento não podia outro ser que a mesma terra com a sua prerogativa de produzir.

E não se attribua isto a providencia do Estado, pois é o homem anterior ao Estado, e antes que houvesse Estado já elle tinha recebido da natureza o direito de viver e proteger sua existencia. Não se opponha tambem á legitimidade da propriedade privada o facto de ter Deus entregue á terra a fruição de todo o genero humano: Deus não a concedeu aos homens para que a possuissem todos promiscuamente; não marcou parte a nenhum homem em particular, mas quiz deixar a delimitação da propriedade á industria humana e ás instituições dos povos.—Além d'isto, embora dividida a terra em propriedades particulares, não deixa de servir á utilidade commum de todos, attendendo a que ninguém ha que não seja alimentado pelo que produzem os campos. Os que não teem bens supprem-nos pelo trabalho; bem se póde pois afirmar, com toda a verdade, que o trabalho é o meio universal de prover ás necessidades da vida, quer este se exerça n'um immovel proprio, quer n'uma arte lucrativa, cuja remuneração não se aufere senão dos multiplos productos da terra, nos quaes é transformavel.

D'onde mais uma vez se conclue que a propriedade privada é plenamente conforme á natureza. Produz, pois, a terra em abundancia aquellas coisas que são necessarias para a conservação da vida do homem, e mais para seu aperfeiçoamento, mas esta produção pende essencialmente da cultura e cuidado do homem. Ora quando este consome os recursos de seu espirito e o trabalho de seu corpo na aquisição dos bens da natureza, nada mais faz que applicar a si mesmo, por assim dizer, a porção da natureza corporea que cultiva, na qual deixa como impresso um certo cunho de sua pessoa, de modo que esse bem será com toda a jus-

tiça d'orávante possuido como proprio, sem que ninguem, de qualquer sorte, possa violar o seu direito.

E' tam manifesta a força d'estas razões, que produz notavel assombro, que certos mantenedores de velhas opiniões encontrem que lhes retorquir, concedendo sem duvida ao homem particular o uso do solo e os fructos dos campos, mas recusando-lhe o direito de possuir na qualidade de proprietario esse solo em que edificou, essa porção de terra por elle cultivada. Não vêem pois que despojam d'este modo o homem do fructo de seu trabalho, porque emfim esse campo, habilmente revolvido pela mão do cultivador, mudou totalmente de natureza. Era bravio e esteril, e eil-o arroteado e fecundo: o que o melhorou é inherente ao solo e tam intimamente confundido com elle que fóra em grande parte impossivel fazer a separação. Poderá pois a justiça consentir venha um estranho attribuir-se esse torrão fertilizado com o suor de quem o cultivou? Do mesmo modo que o effeito segue a causa, é justo que o fructo do trabalho pertença ao trabalhador. Com razão pois a universalidade do genero humano, sem attender á opinião contraria d'um pequeno grupo, reconhece, considerando attentamente a natureza, que nas suas leis reside o primeiro fundamento da repartição dos bens e das propriedades privadas; com razão o costume de todos os seculos consagrou uma situação tam conforme á natureza do homem e á vida tranquilla e pacifica das sociedades.—Por seu lado, as leis civis, que quando justas acham seu valor na lei natural, confirmam este mesmo direito e o protegem pela força.—Emfim, a auctoridade das leis divinas vem-lhe dar sanção, prohibindo, sob pena gravissima, o proprio desejo de possuir os bens alheios. *Não cubicardes a mulher do teu proximo, nem a sua casa, nem o seu campo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que lhe pertença (1).*

(Continúa).

DUAS CONCLUSÕES

DO

Congresso Catholico de Braga

① CONGRESSO Catholico ultimamente celebrado, reconhecendo a necessidade de proteger efficaçamente a

(1) *Non concupisces uxorem proximi tui; non domum, non agrum, non ancillam, non bovem, non asinum, et universa quae illius sunt.* Deut. V, 21.

imprensa catholica para salvar a sociedade portugueza do cataclismo que a ameaça, votou duas importantes conclusões sobre este assumpto tão momentoso.

São as seguintes:

«O Congresso vota a necessidade de sustentar e melhorar os jornaes catholicos de modo que sejam procurados e lidos por todas as classes sociaes, levem ao seio d'ellas os bons principios e combatam os erros tão diffundidos e tão perniciosos á ordem social.»

«O Congresso reconhece e affirma que o meio mais apto para evitar as más leituras e propagar as boas é inquestionavelmente a formação d'associações, sugeitas á direcção dos Ex.^{mos} Prelados, que tenham por fim subvencionar a imprensa catholica por forma que possam ser distribuidos gratuitamente periodicos catholicos por botéquins, hotéis, clubs, prisões, casas de correcção, etc. etc.»

Na verdade as cousas vão mal e os acontecimentos precipitam-se por tal forma que parece estar eminente um desenlace fatal.

A grande maioria da nação é inquestionavelmente catholica, porém infelizmente os catholicos temos feito muito pouco em comparação com o muito que podiamos e deviamos fazer.

A revolução medra a olhos vistos, os seus órgãos bem patrocinados e bem pagos campeam por toda a parte, levando ao seio das familias os principios subversivos da ordem social de mistura com a irreligião e a immoralidade.

Ora a indiferença deante do inimigo, não é só covardia, é um crime. Não é culpado só o que trabalha para desmoralisar o individuo e subverter a sociedade, é-o igualmente o que podendo e devendo impedir não impede.

Até que ponto nos levará a onda revolucionaria conjectura-se facilmente pelos ultimos acontecimentos que temos presenciado no nosso paiz bem digno de melhor sorte. E a causa principal é a imprensa má.

Compenetremo-nos pois do nosso dever, façamos guerra sem treguas ao jornalismo impio, ao jornalismo immoral, ao jornalismo revolucionario. Guerra não o alimentando com o nosso dinheiro, guerra protegendo efficaçmente a imprensa catholica por todos os meios legitimos para ella não digo só contrabalançar, digo mais, neutralisar as perniciosas consequencias da imprensa má. Concorrer para a sustentação do jornalismo mau é sempre um crime, mas no momento actual é mais que um crime, é uma monstruosidade.

Custa até a crer que haja quem não comprehenda estas verdades.

Estou convencido de que a imprensa

catholica, ha de corresponder á confiança que n'ella depositamos, ha de esforçar-se quanto em si couber, por combater o mal que tanto se tem alastrado, ha de, cerrando as suas fileiras, unir-se entre si e aos seus Prelados para com elles lutar em prol da religião, da moralidade, da Igreja e da nossa patria estremecida.

Os jornalistas catholicos são tambem portuguezes. E ao contemplar a patria em perigo, o estrangeiro com olhos de cobiça sobre parte das nossas ricas possessões, as armas portuguezas envergonhadas pela derrota que soffreram do gentio, a revolução cada vez mais audaciosa, qual será o portuguez que não esqueça mesquinhos interesses, que não ponha acima de tudo a religião e a patria?

Padre J. Mariz.

APPELLO

para uma peregrinação a Roma por occasião do tricentenario de S. Luiz Gonzaga

A NOBRE Sociedade da Juventude Catholica Italiana proclama com todo empenho a conveniencia, quasi necessidade, d'uma peregrinação internacional composta principalmente de Jovens, por occasião do tricentenario do passamento do Anjo da Mocidade, S. Luiz Gonzaga. Ao appello d'aquella benemerita aggremação tem respondido a juventude de diversas nacionalidades e na vanguarda de todos os estrangeiros que se propõem fazer a piedosa romagem á Cidade Eterna, estão collocados jovens catholicos da França. E' de crer, segundo as noticias chegadas, que seja imponente a manifestação de fé e de devoção a S. Luiz, que com tanto ardor allí se prepara para o proximo setembro, epocha fixada pelo Conselho Superior da Sociedade da Juventude Catholica Italiana para a realisação da grande peregrinação, que será formada, como acima disse, com elementos de diversas nacionalidades.

Em Portugal tambem se preparam algumas manifestações solemnes em homenagem ao Patrono especial da Juventude. Uma d'ellas é a «Peregrinação Espiritual» ao tumulo do Santo, para a qual já se acham inscriptas muitas pessoas. Porém quando as outras nações, principalmente as nossas irmãs na fé catholica, não se limitam a estes actos, mas affrontando os obstaculos, enviam as suas embaixadas a Castilhone, onde o Santo veio á luz do mundo e a Roma, onde a sua alma candidissima voou ao Paraiso, só Portugal, o rei-

no fidelissimo, ficará indifferente, sem mandar tambem elle a sua embaixada áquelles logares celebres pela presença do Angelico Joven? Não ha de aproveitar o favoravel ensejo que lhe offerece esta data solemne para, por meio dos seus emissarios, chamar a protecção valiosissima de S. Luiz Gonzaga sobre essa geração de jovens que ahí está infelizmente tão degenerada da fé e dos costumes dos seus avós, e prognosticando um futuro mais ou menos proximo de calamidades para a nossa pobre patria?

Eu não me atreveria, teria mesmo receio de vir a estas horas levantar a minha voz debil e sem nenhuma auctoridade para bradar aos portuguezes e em particular á amada juventude: *A Roma! Ao tumulo de S. Luiz Gonzaga!*... Porém o que de motu proprio não ousaria, venho agora fazer, por que muitas reclamações o exigem e pessoa auctorisada, cujos desejos devo satisfazer, como se fossem ordens, estima ver a Nação Portugueza representada na Peregrinação internacional. Faço portanto o que se me ordena. E como não me acodem á mente termos capazes de encarecer dignamente este bello acto de fé catholica, qual vem a ser n'estes tempos uma peregrinação de jovens a Roma com o devoto intuito de venerar as reliquias do Santo, que, pela santidade da sua vida, se tornou o Modelo da mocidade e o seu especial Patrono, vou transcrever textualmente o caloroso appello que a supra mencionada Sociedade da Juventude Catholica dirigiu ao mundo catholico com data do 1.º de janeiro do corrente anno. Eil-o:

A Sociedade da Juventude Catholica de Italia a todos os Jovens seus confrades do orbe catholico

O novo anno trouxe-nos o tricentenario do transito do Angelico Luiz Gonzaga. Por toda a parte se fazem preparativos para celebrar dignamente este jubileu do Patrono especial dos jovens.

A juventude Catholica de Italia, não podendo ficar indifferente deante d'estas demonstrações, tem a honra de se pôr á frente do movimento.

Convencidos de que é unicamente sob o estandarte da Cruz e sob a protecção da Thiara que se affirma a verdadeira fraternidade dos povos, nós queremos aproveitar esta occasião para organizar uma crusada pacifica da mocidade catholica; porisso vos convocamos a Roma em phalanges numerosas para um acto publico de fé e de piedade; esperamos encontrar-vos no proximo mez de setembro, ao redor do sepulchro glorioso de S. Luiz Gonzaga e junto da inabalavel rocha do Vaticano: A vossa presença contribuirá a dar mais

lustre, mais força e valor a esta manifestação.

Sobre o sólo sagrado de Roma, ao pé dos monumentos da nossa fé, á sombra dos principaes santuarios, faremos a renovação dos nossos juramentos de nos mostrarmos sempre verdadeiros soldados de Jesus Christo, animados d'um ardor generoso no bom combate.

Junto das reliquias do Santo Modelo da juventude, com as mais fervorosas e unanimes orações obteremos da sua intercessão graças mais abundantes; retemperar-nos-hemos no amor da virtude e no fervor no serviço de Deus; hauriremos em presença d'estas reliquias virginaes a pureza do coração e da alma, sem a qual são vão os nossos esforços e com a qual nos tornaremos sempre dignos de servir a Causa Sagrada de Deus.

Aos pés do Augusto Chefe da Igreja testemunharemos o nosso affecto invencível á Causa Sagrada de Deus, nossa filial affeição, nossa dedicação incondicional e sem limites ao nosso primeiro Pae e Chefe amantissimo, escutaremos os ensinamentos de sua bocca infallível, consolal-o-hemos nas suas tristezas, prometendo-lhe mostrar-nos, assim na vida publica como na domestica, filhos seus empenhados em seguir a sua direcção.

Nós colheremos como fructo da nossa piedosa peregrinação uma religião mais profunda, mais pratica e mais conforme ás promessas do Baptismo; regressaremos aos nossos lares com mais coragem e melhor armados para as luctas que temos a sustentar contra os inimigos da Igreja e das nossas almas.

Jovens Catholicos do mundo inteiro! correspondei ao nosso convite cordeal e instante; multiplicaes vossas fileiras, atrahi vossos companheiros e amigos, fazei-vos os apóstolos d'esta peregrinação. Todos os circulos catholicos, todas as conferencias de caridade e associações de qualquer genero trabalhem para o bom exito d'este nobre designio, recommendado com empenho no seu Breve pelo nosso pontífice e Pae. Mostremos ao mundo admirado o vigor christão n'uma mocidade crente e inacessível ás doutrinas perversas, n'uma mocidade que comprehende esta Bemaventurança ensinada pelo Salvador:

Bemaventurados os puros de coração, porque elles verão a Deus.—A piedade, diz o Apóstolo, é util para tudo: ella tem a promessa da vida presente e a da eternidade.

A Roma, pois, juventude catholica! a Roma! para prestar ao heroico Luiz Gonzaga a homenagem da nossa fé, da nossa piedade e do nosso culto.

A Roma! para afirmar a união de nossas almas e dos nossos corações, a despeito de todas as divisões nacionaes.

A Roma! para receber os luminosos e sublimes ensinamentos e as bênçãos fecundas do augusto Leão XIII, o doce e invencível Vigario de Christo, do Salvador Jesus, Amigo da juventude e Libertador dos povos.

O nosso amantissimo Pontífice antecipadamente jubila e se consola com o pensamento de ver em breve a seus pés a mocidade catholica de todas as nacionalidades, unida pelos vinculos da caridade christã.

Desde já, escrevamos em nossos corações estes gritos de mutuo consenso, que teremos o gosto de repetir ao depois juntamente:

A Deus nossa fidelidade!

A S. Luiz nossas homenagens!

A' Igreja nosso amor!

A Leão XIII nossa dedicação filial e invencível!

O presidente honorario da peregrinação, *Gaspar, Cardeal Mermillod*, Bispo de Lausanna e Genebra. *Guilherme Alliata*, presidente geral. *Francisco de Angelis*, secretario geral.

Tal é o entusiastico appello que a Sociedade da Juventude Catholica Italiana dirige aos jovens seus irmãos das outras nações e consequentemente aos jovens do fidelissimo Portugal.

Prouvera a Deus que este appello achasse echo nos corações dos nossos patricios e, se não uma peregrinação numerosa, ao menos pudesse ir a Roma uma importante commissão a representar a mocidade d'esta nação, afim de impetrar junto do Tumulo do Seu Patrono Especial abundantes graças e receber aos pés do Vigario de Christo os conselhos preventivos e salvadores.

Embora a peregrinação deva ser composta de jovens leigos principalmente, podem todavia tomar parte n'ella tambem os clérigos e não são excluidos d'ella as pessoas de todas as edades e condições.

Se algum quizer corresponder ao sobredito appello, pede-se o especial obsequio de o participar o mais breve possivel ao abaixo assignado, que opportunamente dará todos os esclarecimentos relativos á peregrinação.

Porto, 1 de maio de 1891.

Padre *Illidio José Vieira da Costa*.

(Direcção: Rua de S. Bento da Victoria, 52.)

Aos jornaes catholicos se roga o favor da transcripção d'este appello.



PARA A HISTORIA



QUANDO a imprensa divulgou que a doutrina de dois lentes de Coimbra não fôra considerada orthodoxa pela Sagrada Congregação do Sancto Officio, e que os dois lentes se submeteram ás decisões da referida congregação, a nossa alma exultou de vehemente jubilo ao vel-os collocarem-se digna e honrosamente ao lado de Fénelon e Bossuet, cuja submissão os nobilita mais que o singular talento que n'elles admiramos.

Foi para nós pois inexplicavel angustia vermos no *Primeiro de Janeiro*, de 3 de maio, publicado o que vai ler-se:

Sr. redactor do «Primeiro de Janeiro»:

Constando-nos pelo jornal francez «L'Univers», de 28 d'abril de 1891, que a S. C. do Santo Officio mandou inserir alguns dos nossos escriptos no *Index dos livros prohibidos* com a clausula *Auctores laudabiliter se subjecerunt*, recorremos ao seu muito lido e bem conceituado jornal, para dar publicidade á seguinte carta, que, em 16 de fevereiro do anno corrente, dirigimos, pelas vias competentes, ao em.^{mo} sr. cardeal Vannutelli, Pro-Nuncio em Lisboa:

Em.^{mo} e rev.^{mo} sr.

Nós abaixo assignados, clérigos presbyteros e lentes da Faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra, supplicamos a vossa eminencia que nos conceda a honra e mercê de aceitar a seguinte declaração que fazemos espontaneamente, por nossa livre vontade, com o fim de esvaecer quaesquer duvidas que possam existir sobre a orthodoxia das nossas crenças e a pureza dos nossos sentimentos catholicos.

Havendo-se suscitado na imprensa uma lamentavel controversa a respeito da Faculdade de Theologia, de que somos humildes membros, tomámos parte na discussão publicando escriptos, em que procurámos defender as immundades e isempções da corporação a que pertencemos, e sustentar os legitimos direitos do governo portuguez sobre a nossa Universidade, fundando-nos especialmente no Breve *Apostolicae Sedis*, dirigido a el-rei D. João III em 12 de fevereiro de 1539, nas disposições correlativas do concilio de Trento e nos estatutos por que esta Universidade se rege desde o seculo XVI.

Nunca, porém, foi intenção nossa, nem podia sel-o, negar ou pôr em duvida a suprema auctoridade da Igreja no que respeita ao ensino da doutrina catholica, em assumptos de fé, de moral ou de disciplina ecclesiastica, doutrina esta que aprendemos a defender

e sustentar na Faculdade de Theologia a que nos honramos de pertencer, e que no exercicio do magisterio temos sempre professado e queremos continuar a professar.

E para que a tal respeito não reste duvida alguma, aqui declaramos perante vossa eminencia que professamos os dogmas ensinados pela Santa Madre Igreja, reprovamos o que ella reprovava, e reconhecemos, acatamos e defendemos todos e cada um dos direitos e prerogativas que competem ao Summo Pontifice, aos ordinarios diocesanos e a quaesquer outras auctoridades ecclesiasticas, ás quaes nunca recusámos nem recusaremos a obediencia que lhes devemos, como sacerdotes catholicos.

Infelizmente, eminentissimo senhor, a discussão em que nos empenhámos nem sempre correu plácida e serena; tornou-se por vezes apaixonada e violenta, e pela nossa parte confessamos que na ardencia do debate usámos de linguagem immoderada, sem o proposito de offender. Pedimos perdão da nossa falta e retiramos de boa mente todas as expressões offensivas, que involuntariamente tenhamos empregado contra quem quer que seja. E bem assim reprovamos, como filhos obedientes da Igreja catholica, quaesquer erros dos nossos escriptos, e só mantemos as verdades que n'elles affirmamos.

Por ultimo, pedimos a vossa eminencia que se digne depôr aos pés de Sua Santidade os nossos protestos de sincera e completa adhesão á doutrina catholica, e da mais profunda veneração e respeito pelo Supremo Hierarcha da Igreja.

Deus guarde a vossa eminencia reverendissima. Coimbra, 16 de fevereiro de 1891. Em.^{mo} e rev.^{mo} sr. cardeal Vincenzo Vannutelli, Pro-Nuncio Apostolico em Lisboa.

*Manuel de Azevedo Araujo e Gama
José Maria Rodrigues*

E' obvio que no penultimo periodo d'esta carta não reconhecemos em nossos escriptos a existencia d'eros contrarios á doutrina catholica. Como, porém, espiritos mais esclarecidos poderiam descobrir o que escapava (e ainda agora escapa) á nossa comprehensão; e como, por outro lado, o magisterio infallivel da Igreja, ao qual sempre nos considerámos subordinados, poderia de uma forma solemne e authentica condemnar algumas proposições contidas nos livros alludidos, era dever nosso, como homens e como catholicos, admitir a possibilidade de erros e declararmos-nos dispostos, como ainda hoje o estamos, a retractal-os.

Não se tendo, porém, realisado nenhuma das hypotheses acima previstas, continuamos a manter e sustentar todas

e cada uma das proposições doutrinaes contidas nos livros incriminados, porque as consideramos todas verdadeiras.

Pela publicação d'estas linhas se confessam reconhecidos os

Coimbra, 1 de maio
de 1891

De v., etc.

*Manuel de Azevedo Araujo e Gama
José Maria Rodrigues*

Addicionamos ás palavras exaradas no *Primeiro de Janeiro* as d'um jornal lisbonense, indicadoras da desastrada direcção applicada pelos dois lentes a uma questão infeliz, que, se a ninguem honra, a elles certissimamente os deshonra.

Chamamos a attenção dos Rv.^{mos} Theologos, Lentes da Faculdade de Theologia, diz a *Nação*, para os cinco artigos publicados pela — *A Actualidade* — do Porto nas folhas de 5 a 9 do corrente, com o titulo, intencionalmente injurioso — *A Raposa Vermelha*. — E' tudo uma enfiada de sophismas, de invectivas e injurias contra o Em.^{mo} Pro-nuncio de S. Sanctidade; é a arrastadação, pela lama da descrença, de todos os dignatarios da Curia Romana, não escapando o mesmo nosso grande Papa! E' tudo é uma pretensa defeza dos dois Rv.^{mos} Theologos, porta-vozes da Faculdade!

Accresce-nos um reparo. Estes dois Theologos enviaram a sua declaração hostil a quem? A um jornal *liberal*? Mau signal! Mau signal! Dir-se-ia que nenhum jornal fiel lhes acceitaria o acto de revolta.

Em face de tal situação os dois Theologos devem declarar se acceitam tal defeza, ou se estão inspirados do veneno *liberal* para, em sua estranha obcecação, entrarem na corrente do *liberalismo*, que tudo tem corrompido e levado o paiz a esta vergonhosa derrocada, filha da imbecilidade sectaria!

Nós teremos de nos occupar da verina strabilaria da *Actualidade*; entretanto vamos dizendo, que esta folha *liberal*, no sentido condemnado pela Igreja, não pode ter auctoridade entre fieis. Aquillo é uma torrente de deturpação de factos e de doutrina, que cumpria aos defendidos rectificar, para que o defensor não viesse arruinar ainda mais uma causa arruinada.

Não temos hoje tempo para entrar em detido estudo do poder das Congregações romanas e em especial da do *Index*. Sómente diremos, que o despreso, que por ella mostram os Rv.^{mos} Theologos, vem dos restos do regalismo e jansenismo, que ainda por ahi andam a favorecer as doutrinas *liberaes* e os processos corruptores da governança, menosprezadora da acção divina, ou

catholica, na vida do povo, da familia e do individuo.

Em França preponderou o regalismo, que levou Bossuet ao portal da heresia, em que não chegou a pôr os pés; mas o movimento da sciencia catholica n'este seculo, principalmente o movimento conciliar desinvolido depois da revolução de 1848 e approvedo pelo Papa em suas decisões, veio dar o golpe de graça a essa mascarada heresia, precisamente onde ella mais vigorara e inquietara a Igreja.

Os Rv.^{os} Theologos, que deveriam ver terem as suas proposições offendido o sentimento catholico genuino pela crueza, com que foram emittidos na famosa *Memoria*, lida pelo Lente de *Vespera da Faculdade de Theologia perante o Conselho Superior de Instrucção Publica* de companhia com os seus adherentes, tacitos ou confessos, marcham por um caminho contraposto ao movimento scientifico revindicador da genuidade das doutrinas catholicas e enquanto na França essas revindicações são sustentadas por todo o preclarissimo Clero d'aquelle grande paiz, o regalismo foi á ultima hora anichar-se na Faculdade de Theologia, cremos e queremos crer só em ponto de disciplina, que comtudo se liga com os principios da auctoridade doctrinal e conductora. Sem duvida accreditamos, que, se o Papa intervier directamente, os Theologos se submeterão pura e simples e humilissimamente. Entretanto adoptam uma attitude incorrecta e revolucionaria. Responder ás congregações romanas com a recusa da obediencia é um acto de indisciplina, que só em Portugal se pôde dar. E já tememos não se verifique aqui, na esphera intellectual, já se sabe, o — *Corruptio optimi pessima* — Quem pôde prever os extremos, a que pôde levar o orgulho?

Porque só o orgulho poderia aconselhar tão mal e segredar tão satanicamente aos ouvidos de tão respeitaveis ecclesiasticos e distinctos theologos.

O regalismo, que tão inesperada e tão crua e tão desvendadamente se foi introduzir na *Memoria*, está em perfeito desaccordo com a doutrina correlativa predominante em todas as grandes escholas catholicas e não conhecemos um só escriptor catholico de nomeada a quem se possa attribuir a idéa da possibilidade de perfilhar a *Memoria*, que foi o ponto de partida da discussão actual. Aquella «directa e exclusiva superintendencia» do Estado na Faculdade de Theologia, a pretensão d'essa *superintendencia* tendente a *influir* na educação siminarial, era bom para o tempo do descarrilhamento regalista, que se impoz, como attributo inherente ao poder real, convertendo-o no peor

dos despotismos, que pretendia practicamente dever a palavra do rei prevalecer sobre a palavra do Papa e da Egreja na esphera da competencia da Egreja e do Papa!

Os Rv.^{mos} Theologos desandaram o caminho feito, que nos libertou da inconsciente heresia regalista e vão indo tão longe que já adoptam os processos menos francos, e menos leaes do jansenismo. *Abissus abissum invocat!*

Para nós a questão é de disciplina e de attitude catholica. Respeitamos a Faculdade e apreciamos os serviços, que ella tem feito á Universidade, á juventude academica e ao paiz. Mas *amicus Plato, sed magis amica veritas...*

A Nação não tem sido alvo da caridade episcopal do Ex.^{mo} Prelado de Coimbra, mas como ella segue principios e não homens, não póde deixar de prestar a sua humilde adhesão á auctoridade, hoje reforçada pela intervenção do Em.^{mo} Pronuncio e por uma provisão de uma congregação Romana, em todo o orbe catholico respeitada e acatada nos limites do seu poder disciplinar e praticamente directivo.

Afirmamos pois mais uma vez que muito sentimos a attitude dos Rv.^{mos} Theologos da Faculdade de Theologia, que vieram augmentar a anarchia moral, que tem levado o paiz á noventa e pestilente derrocada em que versa miseravel e desastadamente.

A.

SECÇÃO CRITICO-HISTORICA

O morticínio de Beziers

Em um dos conselhos de guerra a bordo dos navios ancorados em Leixões, houve um senhor advogado que, a bem dos seus clientes, julgou a proposito internar-se nos domínios da historia, e apresentar como *facto historico* o seguinte carapetão:

«N'uma das guerras de religião, tão frequentes nos seculos passados, fóra cercada pelos catholicos uma cidade protestante. Renderam-se os sitiados e, conforme os usos barbaros d'esses tempos calamitosos, foram todos condemnados á morte pelos invasores. Como na cidade tomada havia tambem muitos catholicos, perguntaram ao legado do Papa como os haviam de distinguir dos huguenotes. Matem-nos todos, respondeu o apostolico varão. Deus lá os separará.»

O illustre advogado, ao concluir, ficou muito satisfeito, julgando ter com este rasgo oratorio, abalado os animos dos juizes, que tinham de julgar os revoltosos de 31 de Janeiro.

Mas esqueceu-se o eloquente doutor

de dizer em que paiz se deu o facto; o nome da cidade *protestante*, onde estavam os *huguenotes*; o nome do legado do Papa, e finalmente a fonte limpida e pura, onde fóra beber tanta sabença historica.

A occasião não era na verdade azada para tantas explicações. O navio balouçava-se bruscamente no dorso das aguas, os estomagos resentiam-se fortemente d'estes abalos pouco carinhosos do oceano; e o illustre advogado, em um arranco de afflicção tremenda, depez perante o respeitavel tribunal aquelle jacto de sciencia historica, capaz de commover até ás lagrimas todos os conselhos de guerra do mundo!...

Vou tentar supprir as lacunas do abalisado defensor.

Reinava em França Philippe Augusto. Já vê que citou de outiva.

Não se trata de uma cidade protestante, nem de huguenotes. Trata-se dos albigenes que, patrocinados por varios Senhores, entre os quaes se contava o Visconde de Beziers, encommoavam fortemente a Egreja e o Estado. Era necessario pois combatel-os por meio das armas, e para isso se organisou uma cruzada, a cuja frente se pôz Si mão, conde de Monfort.

Beziers era uma das cidades dominadas pelos herejes. Contra ella marcharam pois os cruzados, que a sitiaram e tomaram no dia 22 de Julho de 1209, sendo muitos dos seus habitantes sacrificados ao furor dos vencedores. Muitos auctores contemporaneos e alguns testemunhas oculares, contaram o facto, mas nenhum se referiu á celebre resposta do legado do Papa.

Apenas Cezario, monge da Abbadia de Histerbach, que distava do theatro da guerra duzentas leguas, deu conta do facto, acobertado por um vago *diz-se*; e ainda assim não o attribue ao legado do Papa, mas sim a Arnaud, abbadie de Citeaux.

O caso foi depois reeditado por outros escriptores, igualmente *conscien-ciosos* que, para o tornarem mais odioso e escandaloso, substituíram o nome do Abbadie Arnaud, pelo de Milan, legado do Papa!...

Eis aqui como se escreve a historia!...

Entretanto as palavras attribuidas ao legado do Papa, não foram pronunciadas, nem podiam sel-o, em vista de como se passaram os factos. A presteza e impetuosidade do assalto não deram tempo a prévias consultas.

Durante o assedio fizeram os sitiados uma sortida, e um soldado cruzado, que se tinha adiantado até á ponte, cahio trespassado de flexas. Em vista d'este ataque inesperado, os sitiados cahem sobre a cidade, escalam os muros, arrombam as portas, entram impetuosamente na cidade, de envolta

com os agressores, e dão largas á sua vingança, matando todos que encontram.

Tiveram os chefes culpa nesta carnificina? Testemunhas contemporaneas e presencias dizem que não.

Pedro de Vaux-Cernay diz que o assalto foi dado sem consentimento dos chefes.

O Abbadie Arnaud diz que os Ribauds (1) e outros soldados vis do exercito invadiram a cidade, sem esperarem as ordens dos chefes.

Guilherme o Bretão, e o Anonymo provençal attribuem aos aventureiros (*truands*) a iniciativa da carnificina, e isentam os chefes de toda a responsabilidade.

Eis pois a que fica reduzido o *facto historico* lembrado pelo illustre advogado! E' uma mentira, como outras muitas, lançada ao vento da publicidade, sub a manhosa capa de um *diz-se* — por um monge sem criterio, talvez levado de má vontade contra o Abbadie Arnaud. A mentira, diz o Conselheiro Bastos, é como a ferida que, depois de curada, pode ainda deixar cicatrizes.

E as mentiras contra o clero e a religião tem a particularidade de deixar sempre essas cicatrizes. Por mais desmentidas que sejam, ha sempre espiritos levianos e maus que, levados pelo odio a tudo que é religioso, as repetem invariavelmente, procurando passal-as como ouro de lei.

Sirva de exemplo o facto, de que estou fallando, que o illustre doutor teve a coragem de apresentar perante um grave conselho de guerra, como um *facto historico*.

Reitor de Manoellos,
José Victorino Pinto de Carvalho.

SECÇÃO CRITICA

Liberalismo e Socialismo ou a questão social em Portugal

(Continuação do n.º antecedente)

VII

Recapitulação das tres negações que constituem o erro moderno—Absurdos que d'ahi resultam—Absurdo radical, base do systema—Tendencia dos escriptos desvaireados para o absurdo.



ERRO moderno chamado indifferentemente *racionalismo, naturalismo ou liberalismo*, diziamos no principio com Donoso Cortez, é a pyramide monstruosa com que o orgulho do homem pretende escalar o ceu como os tytans da fabula, para enthrônizar no solio do Altissimo a razão hu-

(1) Ribauds. Homens de mau viver. No tempo de Philippe Augusto deu-se este nome a um corpo de soldados, que mais tarde se entregaram á libertinagem.



UNICO AMIGO

mana, que fica sendo o unico Deus d'este mundo. Pois bem; essa pyramide, eil-a completa já. Constituem-na tres negações radicaes, ou melhor, tres systemas de negações: o *Protestantismo*, que partindo da negação da Igreja chega a regeitar toda a religião revelada; o *Philosophismo* que, filho legitimo do principio lutherano, seguindo a mesma marcha, vae de negação em negação, gastando como lima surda todos os principios da recta razão, até que em fim elimina a existencia de Deus; o *Monismo* pantheistico, cuja ousadia attinge o paroxismo da loucura, pois que negando, contra toda evidencia, ser a razão humana contingente e limitada, não duvida attribuir-lhe todas as prerogativas da divindade.—Está realisada a ambição, o desejo supremo do orgulho humano: o homem é Deus. Cumpre observar que esta proclamação da deificação do homem não é factio isolado, transitorio e, portanto, sem consequencias praticas e duradouras. Não por certo: é o resultado d'uma elaboração lenta e systematica effectuada logicamente nos espiritos rebeldes; é a consequencia rigorosa do principio lutherano, que attribuindo a cada individuo em particular a prerogativa da infallibilidade, fez com que o homem fosse irresistivelmente induzido a usurpar os outros attributos divinos. De facto, supposto como principio inconcusso que o homem é infallivel, pela mesma razão deve ser santo, omnipotente e absolutamente independente.

Mas dirá algum: isto é absurdo.

Por sem duvida, é absurdo, é até o maximo absurdo a que se possa chegar. E' paroxismo da loucura e do absurdo o negar-se a Igreja, mãe de todas as nações modernas e cuja historia portentosa enche desanove seculos; é cumulo do absurdo regeitar toda a tradição christã, formada pelo testemunho de milhares e milhares de homens respeitabilissimos, de cem povos diversos; é cumulo do absurdo calcar aos pés brutalmente milhões e milhões de documentos historicos; é cumulo do absurdo insurgir-se contra o bom senso de todo o genero humano, contra os mais evidentes dictames da recta razão e negar a Deus, cuja existencia, segundo a expressão de Chateaubriand, é mais clara que a do sol; toca o auge da loucura edificar-se um systema philosophico, na apparencia grandioso e imponente, mas formado por um acervo de absurdos, qual mais descommunal e estupendo, como por exemplo: identicos são o ser e o não ser; finito, limitado, contingente etc. significam o mesmo que infinito, illimitado, necessario, isto é, o sim e o não devem considerar-se como synonymos;—ha myriades e myriades de efeitos sem causa primor-

dial, ou por outra, existe uma cidade immensa sem um primeiro elo, pode existir um rio sem nascente, lei sem legislador, relógios sem relojoeiros, creaturas sem creador; o ser é filho legitimo do nada; da materia bruta procede naturalmente a vida, a intelligencia, a consciencia, a virtude, o heroismo, o ingenho etc.; o homem não é obra de Deus, pelo contrario quem creou Deus foi o homem!!!

«E' na verdade prodigioso, escreve Gratry no seu tratado—*De la Connaissance de Dieu*—e exclusivo da eschola dos atheus modernos o aferro desespeorado com que se entrincheiram no absurdo radical; affirmam que é mister transformar a logica e que esta transformação consiste principalmente na negação do principio de contradicção.» Por outro lado um dos chefes do positivismo, Edmond Scherer, famigerado redactor do *Temps* e auctor dos *Mélanges de critique religieuse*, publicou afoutamente o seguinte: Tem-se apoderado fortemente do espirito moderno um principio novo devido a Hegel, principio pelo qual se demonstra que uma asserção qualquer não é mais verdadeira que a asserção contraria.

Isto quer dizer, tudo é relativo e são falsos todos os juizos absolutos. Facto capital da historia do pensamento contemporaneo é esta descoberta do *caracter relativo* das verdades. Hoje em dia já não ha entre nós, nem verdade nem erro.

E' forçoso inventar outros vocabulos; admittimos até a *identidade dos contrarios*. Cifra-se a virtude moderna na tolerancia. O *absoluto*, isto é Deus, morreu nas almas. Quem o ressuscitará? (1)

Eis ahi pois o absurdo puro estatuido em principio fundamental da razão e proclamado como sendo a verdadeira lei das intelligencias, a nova orientação dos espiritos, da vida social e do progresso. E, o que entristece sobre modo, é quasi decisivo o seu triumpho. «Não obstante o absurdo radical em que se baséa, estamos sendo invadidos pelo pestifero pantheismo hegeliano, escrevia ha annos, Luiz Veuillot»—«ao sijnistro clarão dos factos podemos desde já comprehender como as formulas pantheisticas de Hegel teem penetrado insensivelmente até as ultimas camadas do mundo humano.» (2) O chamado *credo novo*, a sciencia *d moderna*, positivismo, evolucionismo, transformismo, mytilismo, humanismo, progresso indefinido, são apenas a applicação pratica dos absurdissimos systemas philosophicos de Kant e Hegel, que Augusto

Comte, Littré, Taine, Renan, Vacherot, Spencer, Schopenhauer etc. etc. se teem empenhado em vulgarisar, assim como toda a imprensa maçonico-liberal.

Podemos dizer sem receio em presença do estado actual dos espiritos no campo da descrença: Alli o absurdo vence, o absurdo reina, o absurdo impera e avassala tudo. Qual será a explicação d'um successo tão estupendo?

«Existe entre a razão humana e o absurdo occulta afinidade e estreitissimo parentesco; une-os desde o peccado o laço d'um indissolvel consorcio. Triumpho do homem o absurdo, por isso que está destituído de todo e qualquer direito superior á razão humana, e esta, não vendo n'elle nem direitos nem pretensões, não acha no seu orgulho motivo nenhum para repellil-o. Muito ao contrario, o orgulho incita-a a acolher o absurdo, e a vontade aceita-o, compraz-se n'elle de boamente, como parto que é da sua actividade propria: o absurdo é seu filho, seu verbo, o testemunho vivo do seu poder creador. O crear é privativo da Divindade; ora o homem creando o absurdo, é Deus a seu modo, grangeia assim para si mesmo as honras divinas. Seja elle Deus, e proceda como Deus, pouco importa o modo. Que mais se pretende? Haja muito embora o Deus da verdade; elle é o Deus do absurdo, e lá no seu campo é independente e soberano como Deus. Adorando a obra da sua criação e glorificando-a, a si mesmo se glorifica e adora. Eis a razão porque em se apresentando a verdade ao homem, um primeiro movimento espontaneo o leva a negal-a; pois que negando-a, afirma a sua soberana independencia. Dado o caso que não possa negal-a, guerreia-a a todo o transe, pois d'est'arte pugna pela sua soberania. Vencedor, crucifica-a; vencido, foge; fugindo, julga subtrahir-se á escravidão, e crucificando-a, affigura-se-lhe que crucifica o seu tyranno.» (1)

Eis ahi admiravelmente descripta a attitude do espirito rebelde para com a verdade, attitude a que Renan chama—*desdem transcendental!*

«E' o desdem uma exquisita e deliciosa voluptuosidade que saboreamos a sós comnosco.» (2)

«A metaphysica de Platão, Descartes, Malebranche, Bossuet, Fénelon, Leibnitz, Clarke, pode em verdade produzir certa illusão nos espiritos noviços. Admira-se como historia, mas como sciencia não se toma a serio.» (3)

Facil nos será agora conhecer a opposição radical que existe entre o erro

(1) *Hegel et l'hégélianisme*—citado por Guthlin, p. 65.

(2) *Les principes générateurs du Libéralisme*, por le R. P. At, p. 21.

(1) Donoso Cortez, livro III, pag. 92-93.

(2) Renan—*Essais de la morale*, p. 188.

(3) Renan—*Revue des Deux Mondes*, 15 janvier 1860.

moderno e a verdade religiosa, e com quanta razão e prudencia procederam os Summos Pontífices, declarando sempre, que a Igreja nem devia nem podia reconciliar-se com elle.

Estão os dois campos perfeitamente delimitados como o dia o é da noute. Os filhos da Igreja devem ser humildes, submissos e amantes devotados da verdade, ao passo que os rebeldes são soberbos, renitentes e aferrados tenacissimos á independencia; n'uma palavra, são semelhantes aos anjos precitos que no seu orgulho, segundo afirma Bossuet, antes querem padecer eternamente os tormentos do inferno, comtanto que vivam *independentes*, que gozar as delicias inefaveis do reino da gloria, humilhando-se e servindo a Deus. Oh mysterio de maldade!!!

(Continua)

P.º J. A. R.

Notas soltas

I

Um Pires sabio

BALÕES captivos e notas soltas dispensam arte e não expõem ninguém a perigo, salvo o erro. A perigo de partir o espinhaço ou desafinar a escala, bem entendido; que no mais não salvam sempre d'um tantinho de ridiculo, as notas principalmente.

E seja exemplo para o caso aquelle desastrado mestre Portunhas, das *Pupillas do Senhor Reitor*, na tentativa d'umas variações de trombone, segundo velhas reminiscencias não sei se fidedignas, que tenho de ha muitos annos.

Ai aquella nota molina, solta fóra de tempo, corrida, envergonhada, que lição a futuros Portunhas!

E comtudo, triste sina! só depois é que a gente se accorda do caso galho-feiro, tam magistralmente contado por Julio Diniz. Cá por mim até sou d'opinião que Portunhas ha de havel-os sempre, até á consummação dos seculos.

Ahi está por occasião d'aquella süberba symphonia do Congresso Catholico em Braga:

Quanto flautista de má morte não provou dispor de pessima embocadura soltando piadinha pigarrenta. Eis algumas d'essas mesquinhas fugitivas, colhidas ao acaso. Magras pavéas depois da ceifa estas minhas; se outros porém quizessem ajuntar da propria colheita, á fé que teriamos provisões para largo tempo.

Não fallando já no interramento macónico do José Elias. Só sobre esse *motivo*, que estendal pela imprensa mais

sisuda, de 10 reis! Notas soltas? mas aquillo foi uma das mais vistosas algazarras da gente gazeteira. Que criterio. que cordura, que saber, que primores de fina educação e alta conveniencia social!

O Patriarcha ás feras! era o grito já estafado d'estes pimpolhos do liberalismo de convenção, que bate em retirada fazendo cortezias á republica que avança. Ah valentes jacobinos, que pena chegue com um seculo d'atrazo, tresandando a bolorento, zelo tam genuinamente liberal... e monarchico, se vos dá gosto!

* * *

Ahi pelos primeiros dias d'abril d'este anno, por uma tarde nevoenta e fria, pagava a gente em sua pacifica pessoa e acantoava-se sem escandalo de maior, n'uma burgueza carroagem de 2.ª classe, caminho de Braga.

la agradecendo a Deus, mentalmente, ter inspirado aos homens d'estas eras tanta arte no *confortable*. Eis-me aqui mollemente recostado, acalentado, tirado serenamente, machinalmente, inconscientemente, á guisa de sacco: que mais poderia desejar agora?

—Um sabio, só se fosse uma azinha de sabio, para regalo do espirito.

E meu dicto meu feito, ou antes feito d'estes nossos abençoados tempos, alli a quatro pés e meio de distancia um verdadeiro sabio, um sabio em carne e osso, mais osso do que carne, está visto; que a sciencia consome os tecidos molles.

E o sabio enluvado, embigodado como um simples mortal, distinguia-se pela fronte precocemente enalvecida com o diuturno esfregar á cata de phantasticos *xx*, nem sempre condescendentes a se deixarem trocar em miudos.

Chispas de sciencia e baforadas de fumo de toda a sua pessoa atrahiram fascinados dois satélites, que vieram um após do outro gravitar no mundo d'elle, do sabio. Quadro muito para se ver e estudar.

Fallava o sabio, e os satélites com leve e gracioso movimento de trepidação proseguiram na curva mais pura da approvação respeitosa, quasi reverente.

E não era para menos o caso, se Pires o sabio, porque este sabio era Pires, segundo depreendi da conversa, sim, se elle affirmava ou negava sempre categoricamente. Era uma espada de dois gumes a sciencia d'elle: as difficuldades não se entretinha em as desatar, cortava n'ellas como Alexandre. Um portento de saber e gentil destemor este Pires!

Entrou por Santo Thomaz como por

sua casa (1), e achou tollice de marca maior pretender a estas horas pôr a caminho da philosophia thomista a sciencia moderna.

Verdade seja que não disse porquê, mas o porquê não anda nos habitos de Pires, nem fazia nada ao caso. Baste saber que Pires assim o intende e pretende.

E posto n'este thema, conceituou proficientemente e profundamente ácerca de homens e coisas da idade média: um poço de sciencia e competencia encyclopedica o bom do Pires.

—Em todo o caso, fez respeitosa-mente o 1.º satélite, aquillo deve estar interessante, vistoso. Alem d'assistencia dos bispos, com suas vestes prelaticias, comparecem homens como D. J. de Saldanha, F. Pedroso, P. Coelho, Conde de S., de merito real e muitos recursos.

—Recursos, sim. E n'isto incabeçou Pires não sei já que espirituosos dictos, e umas referencias de má lingoa, tam estafadas como tolas.

E disse tristemente com meus botões: estas coisas não as deve saber o sabio, já que o mexerico não é sciencia nem consciencia. Ainda n'isto estava, quando satélite 1.º fallou:

—Eh, eh, eh! Já lhe chamaram Fr. Francisco, não era?

Ao que aditou o outro satélite com certa gravidade:

—O que me parece é que é homem muito sabedor e formado em mathematica, não?

Por estas alturas da mathematica mirrou de suslaio o sabio Pires as guias da bigodeira, puxadas á frente com gentil ademane, e envolvendo os interlocutores n'uns olhares de competencia sábia e satisfeita de si, desatou o vouo pelas astronomias, trazendo á baila Biot e Cauchy e outros bicharocos do humano saber de telhas a cima.

E aqui confessarei eu, que não só perdi de vista Pires n'este seu derradeiro arrancar ao sublime scientifico, mas o assombro se me volveu calefrio coado até á medulla dos ossos.

E disse: Pires é um cumulo, um titan!

Quando ao apartar-nos reparei de relance, ainda elle expedia da calva incipiente uns fulgores scientificos bem bonitos; e os satélites contra os mais vulgares elementos da mechanica celestestacionavam absortos, semibiquiabertos.

E d'allí fui, ou antes levaram-me a Braga, nem sei qual mais, se pasmado se atarantado. Não que tem isto a sciencia moderna, é como o vinho capitoso—atordoa e ataranta a gente.

(1) «Entrar» é modo de fallar. Pires não se offenderá se lhe disserem que nunca viu, nem pela lombada, as obras de pulso do Aquinatense. Julga á priori: Oh manes de Comte e de Spencer!!

Quem me dera a mim ser Pires, dizia, para uma vez ao menos atarantar sem me atarantar. Como seria olympico mover sem ser movido, segundo o dicto: *movens non movetur*.

Que delicioso Pires! Pires de «marmelada» já conheci, até dois por signal; porém um Pires de sciencia como este... benza-te Deus!

M. C.

SECÇÃO NECROLOGICA



Em Estarreja falleceu, a 21 do passado, a benemerita assignante do *Progresso Catholico*, D. Maria Maxima de Mello. De nobre estirpe e mimosa dos bens de fortuna, soube dispor-se para a eternidade com uma vida de exemplar virtude, formando de cada acção caridosa um degrau que a elevasse ao seio de Deus. Quinze dias de padecimentos que lhe foram penitencia, a recepção em Viatico do Sacramento do amor, a devoção á Virgem Immaculada, de cujo habito se adornou para transpor o limiar da morada ultima, inspiram-nos a grata esperanza de que o Deus das misericordias a acolhesse na eterna paz, patrimonio precioso dos escolhidos.

Entretanto, oremos, oremos por ella, acompanhando no sentido lucto o espouso contristado, a quem enviamos nosso pesame.

D. P.

RETROSPECTO

Chronica

Portugal.—Novo ministerio rege agora os destinos da patria. E' composto dos seguintes senhores:

João Chrysostomo — presidencia e guerra;

Lopo Vaz—reino;

Moraes de Carvalho—justiça;

Marianno de Carvalho—fazenda;

Julio de Vilhena—marinha;

Franco Castello Branco—obras publicas;

Conde de Valbom—estrangeiros.

O que fará o novo ministerio? Seja o futuro que o diga. Pelos antecedentes d'alguns ministros não ha razão para contarmos com grandes venturas. A sagacidade innegavel do snr. Marianno pôde sustar por algum tempo o naufragio das finanças, o que não é mais que

prolongar alguns dias a existencia miseravel d'um bote que se perde.

O conflicto com a Inglaterra, apesar de recentes complicações em Massikesse, onde as tropas portuguezas tiveram leves recontros com as da Companhia South Africa, *parece* em vespervas de conclusão. Os jornaes portuguezes annunciam que taes conflictos, causados por desobediencia da companhia ás indicações do gabinete de S. James, disporão em nosso favor a diplomacia Britannica. E' isto porém um engano dos jornaes portuguezes. Embora a companhia fizesse um crime em face do direito internacional, a bandeira ingleza é pouco limpa para recusar-se a cobrir desveladamente as torpezas da companhia, e não é de certo para honra nossa que a armada ingleza concentra as forças nas aguas do sul d'África.

Nas camaras, reabertas em 30 de maio, o presidente do conselho exhibiu o programma ministerial, que é o seguinte:

Seguir politica accentuadamente liberal e tolerante; remover as difficuldades financeiras do paiz; cuidar de melhorar a situação das classes laboriosas; modificar a lei da imprensa em sentido liberal; conceder indulto aos condemnados politicos.

Sobre este ultimo ponto, afirma-se que aos condemnados será concedida amnistia, podendo voltar ao continente, entrando os militares de novo em serviço activo, sujeitos a mais dois annos de praça nas colonias. Santos Cardoso, o ex-redactor da «Justiça Portugueza» obtem a liberdade, mas sem poder sair por tres annos da ilha do Principe. Amaral Leitão permanecerá para sempre em Moçambique, mas em liberdade.

Se um prelado fosse, por cumprir o seu dever, injustamente condemnado, como se deu no Brazil com D. Fr. Vital e D. Antonio de Macedo Costa, não seria tam prompta a decisão de lhe suspenderem a pena.

Emfim, as coisas são como são.

França.—Mr. Carnot tem percorrido a França em viagem de recreio. Chefe do Estado, por toda a parte o recebem attentosamente, não hesitando os mesmos deputados conservadores de virem prestar-lhe suas saudações, dentro sempre, é certo, da linha da bem entendida cortezia. Mr. Carnot, inaugurando sua viagem com apparencias de conciliação, ha mostrado ao sul da França um proceder diverso. Em Toulouse, por exemplo, respondeu seccamente ao discurso do cardeal-arcebispo, ao passo que foi todo amabilidades com a commissão que a maçonaria lhe enviou, e aos delegados que vieram cumprimental-o como representantes de Gers, afirmou que não iria

ao departamento sem que elegessem deputados republicanos.

Os prelados que visitam o presidente, sendo ministros da verdade, não deixam de emittir pensamentos de singular alcance para instrução de Carnot. Monsenhor Desprez diz-lhe: «A melhor republica é aquella em que os cidadãos fogem de contendas e procuram ser cada vez mais virtuosos. Desejo, snr. presidente, para felicidade da patria e felicidade vossa, que esta sancta emulação se propague de dia para dia, e como a verdadeira grandeza moral consiste sómente no impulso do Evangelho, rogo-vos useis de vossa influencia para que entre nós nada prejudique a do apostolado catholico». O snr. bispo de Cahors afirmou-lhe «ser grande respeitador da auctoridade, pois que era christão». «Permitti-me, disse Monsenhor Renouard, bispo de Limoges, acrescentar que o clero limosino, fiel á sua divina missão, abraça com o mesmo amor os interesses da religião e os da patria.»

Do illustre bispo de Tarbes ouviu as palavras seguintes: «Sentimos-nos felizes, eu e o meu clero, de saudar em vós um eleito da nossa querida patria e, ao mesmo tempo, o magistrado co-roado por Deus com um raio de sua soberania pessoal. O que sobre tudo imploramos ao céo, é que nós, filhos todos d'uma mãe commum—a França, não tenhamos para ella mais que um só coração e uma só alma.

«D'uma tal harmonia, com effeito, depende todas as prosperidades e todas as glorias nacionaes. Só o espirito christão, formado pelo respeito e o amor, pôde enriquecer-nos d'esse thesouro, dotar-nos d'essa obra-prima moral, comprehendida e sentida pelo grande poeta do seculo, quando entoava aos quatro ventos: «Semeai o Evangelho! Pré-gai o Evangelho!» De nossos peitos sacerdotaes, snr. presidente, se escapa tambem esta viva exclamação: Firmese a união necessaria e fecunda da Egreja e da França! Porque, graças a ella só, poderá uma chamar-nos, alliva e feliz, os filhos primogenitos de seu coração, e a outra, debaixo d'aquelle systema em que lhe convenha viver, permanecerá sempre tambem a NAÇÃO BRILHANTE E NOBRE, ha pouco designada pelo soberano Pontífice, *urbí et orbí*, n'estas duas palavras, que resumem tudo, e das quaes Deus quiz formar-nos uma corôa. Padres francezes, eis o que somos, o que em parte nenhuma deixaremos de ser. Sim, como Monsenhor Puginier no extremo Oriente, como o Padre Dorgère nas plagas abrazadoras de Dahomey, como o Abbade Margerin nas ruas ensanguentadas de Fourmies, sempre e em toda a parte estaremos animados a viver e a morrer por Deus

e pela patria! *Pro Deo et patria!* Haverá mais honrosa divisa sobre a terra? Sr. presidente, a nossa é esta!»

Se a memoria pois lhe não for infiel, a viagem de Carnot servirá para convencer-o que mais palavras de vida se encontram na bocca dos prelados, que na dos aulicos de triangulo do palacio Elyseu.

—O arcebispo de Cambraia, a cuja diocese pertence a parochia de Fourmies, recebeu do secretario d'Estado de S. Sanctidade uma carta onde se liam as seguintes expressões:—«O louvavel procedimento manifestado nos lamentaveis acontecimentos de Fourmies pelo parochio d'aquella povoação, produziram no Sancto Padre o mais grato regosijo. E com effeito, esse digno sacerdote, inspirado dos ensinamentos e exemplos do divino fundador de nossa sancta religião, não hesitou expor sua vida para ser o mediador da paz e obstar a nova derramação de sangue. Esse acto de pastoral abnegação, sobremodo honroso para o digno Padre Margerin, faz avultar a caridade e o espirito de sacrificio de que se vê animado o clero francez, que n'elle achará nova coragem, novo incitamento, para se mostrar em todas as circumstancias, como tem feito até ao presente, á altura da sua nobre missão. Eis porque o Soberano Pontifice deseja que Vossa Senhoria Illustrissima e Reverendissima transmita a esse benemerito sacerdote suas congratulações bem merecidas, e ao mesmo tempo, como penhor de sua paternal benevolencia, a benção apostolica.»

O digno prelado, em honrosa carta a participar as impressões do Sancto Padre, nomeava o abbade Margerin conego honorario da cathedral de Cambraia.

O abbade Margerin tem recebido parabens de todos os pontos da França e de muitas personagens distinctas estrangeiras.

—O governo athéo que rege a nação christianissima, prohibiu ha muito, para delicia dos impios e magua dos fieis, que nas ruas da França não apparecesse a Hostia Sacrosanta, o Deus Creador e Salvador do mundo. Os fieis, cansados de tam longo tempo de lucto, requerem por toda a parte que essa determinação satanica seja revogada e se dê a Deus o que é de Deus. Os catholicos de Toulouse enviaram ao mairer uma petição firmada por 44000 assignaturas exigindo licença para a procissão de Corpus Christi. A cidade de Beauvais procedeu de egual modo e muitas outras cidades trabalham n'este sentido

—Regressam dos Logares Sanctos os 400 peregrinos saídos do porto de Marselha a bordo do «Pitou». Os dias passados em Jerusalem foram consagrados a cerimoniaes e actos piedosos, de grata recordação para aquellas almas pri-

vilegiadas, que se animaram a deixar o solo da patria para satisfazerem os anseios de sua fé. Por duas vezes se percorreu a Via-Crucis, cujas estações são as mesmas que foram sanctificadas pelos passos do Salvador. N'aquelle sitio, banhado pelo Sangue divino, tiveram os ditosos peregrinos tres retiros diversos, um prégado ao clero pelo Bispo de Tulle, outro aos leigos por um Frade do Ordem de S. Domingos, e um terceiro emfim ás mulheres, sendo orador um Padre de S. Francisco. Os peregrinos deixaram instituida em Jerusalem uma conferencia de S. Vicente de Paulo.

Italia.—O governo italiano vê-se intalado entre o crescimento do *deficit* e a renovação da triplice alliança. O *deficit* do anno corrente, a terminar em junho proximo, é superior a 80 milhões de liras ou sejam cerca de dezesseis mil contos! Se a triplice alliança se proroga, as despezas augmentam e o *deficit* será cada vez mais aterrador, sendo certo que, como disse o deputado Marazzi, a triplice alliança, em caso de conflicto, não será garantia efficaç de segurança.

—O gabinete, heterogeneo em seus elementos, vê-se prisioneiro da extrema-esquerda, inclinando-se respeitoso a quanto exigem os radicaes. Não querendo desgostal-os, auctorizou os *meetings* do 1.º de maio, que depois reprimiu, dando assim motivo a que os deputados da esquerda armassem um obstrucionismo continuado, proprio a embarçar os trabalhos da camara.

—Em Terni foram presos 16 anarchistas, apprehendendo-se-lhes varios papeis compromettedores, d'onde se vê que plano dos conspiradores, cujo numero é avultado, consistia em incendiar a sub-prefeitura, saquear o banco e dynamitizar os estabelecimentos industriaes. O movimento de Terni fazia parte d'uma insurreição geral da Italia.

Os jornaes italianos voltam a occupar-se da explosão da polvora, attribuida, a principio, a combustão espontanea, mas agora geralmente indicada como o effeito d'um crime, ácerca do qual a policia guarda por enquanto segredo.

—Em Florença falleceu a condessa Mastai Ferretti, sobrinha de Pio IX, no pequeno aposento que occupava no 3.º andar d'um predio da Praça da Independencia. Ha muitos annos levava a piedosa condessa uma vida modesta e solitaria.

Belgica.—A situação da Belgica continúa sobremodo embaraçosa. A lucta ferida entre o capital e o trabalho produz graves complicações financeiras e economicas, de que não é facil prever-se a conclusão. Os socialistas da França, obedecendo á voz de Basly, Bau-

dio, Chassaing, Hovelacque e outros, coadjuvam com firmeza a manutenção das *grèves* em Bruxellas, Mons e Liège, agora augmentadas com a suspensão dos trabalhos de metalurgia.

Os *meetings* repetem-se com grande animação, sendo a nota predominante de todos elles a declaração da *grève* geral immediata. A imprensa, tanto catholica como liberal, é alli atacada por não acompanhar a opinião dos *grévistas* que todas as manhãs percorrem as fabricas e officinas impedindo assim o trabalho.

Noticias

Nova Encyclica.—Damos hoje principio á publicação d'este notavel documento pontificio, cuja distribuição devia fazer-se em grande escala por todas as classes e todos os individuos. Auxiliando-nos os nossos leitores n'este trabalho, com muito prazer a editaremos em opusculo, para ser espalhada quanto ser possa. Se na volta do correio receber a administração do *Progresso Catholico* numero avultado de pedidos, sem demora a faremos imprimir. Se cada assignante se incumbisse de distribuir um exemplar, seria assás para se fazer grande bem. O custo não será superior a 60 reis, e será ainda menor se houver muitos pedidos.

Por todo o mundo resoa a palavra do Pontifice, deixando abalados os espiritos: é a verdade que se manifesta, a verdade que fulge, a verdade que se impõe, a verdade que triumphou, e no seculo em que estamos, ha sêde, muita sêde de verdade. Na extincção do cancro sócial chamado *socialismo*, influirá infinitamente mais a voz do venerando prisioneiro do Vaticano que as leis sancionadas por todos os soberanos do mundo. E' que a Encyclica, emanada da mente do Pontifice é a repetição do grande mandamento do Salvador: «Amái ao proximo como a vós mesmos», e se esse mandamento transformou as sociedades, tem ainda força para lhes curar o mal que padecem. Não é pois sem razão que a imprensa européa, ainda a menos affeição ao pontificado romano, se está occupando attentamente d'este notavel documento, enviado por Sua Sanctidade ricamente encadernado a todos os chefes de Estado.

Em.ºo Cardeal Vannutelli.—Partiu para Roma quem por tanto tempo geriu com um dedicado interesse e um talento superior os negocios da Igreja portugueza. O illustre representante do Pontifice romano, que chegou a Portugal, depois de haver dado prova da singular competencia em Constantino-ple, S. Petersburgo e Lovaina, não podia, apesar de sérias complicações

manifestadas em nosso paiz, deixar de as debellar a contento de todos os que pensam sem ensombramentos de paixão. Portugal conservará eterna saudade de S. Em.^a, de quem o genio privilegiado conseguiu inaugurar entre nós uma epocha de nova vida para a Igreja em Portugal.

Para substituir S. Eminencia foi por S. Sanctidade nomeado Monsenhor Dominico Jacobini, celebre já por seu character eminentemente conciliador.

Missa nova.—Celebrou em 24 do passado, domingo da Sanctissima Trindade, a primeira missa, na capella de sua casa, da Cruz de Péllo, em S. Martinho do Valle (Famalicao), o nosso amigo, Padre Francisco d'Assis Ribeiro da Costa.

Dotado dos bens da fortuna, com accesso facil ás honras mundanaes, achou-o Deus merecedor, pelas nobres qualidades de sua alma, de o alistar nas phalanges intemeratas do sacerdocio christão, e o joven, o dedicado levita, fiel á voz do céo, abriu sem trepidações nem demoras o coração magnanimo á empreza sobre-humana para que se viu eleito.

Com a abnegação peculiar dos seres privilegiados, como Antonio de Padua, Thomaz d'Aquino, Francisco de Sales, Luiz de Gonzaga, Antonio Vieira, José d'Anchieta, Redemaker e João Rebello, o corajoso moço iniciou a sacrosanta missão dos que mais lidam, porque melhor guiam, mais instruem, mais consolam.

Pelo character indelevel do sacerdocio, o padre é o continuador do Messias e o ministro de seu Evangelho. No dizer de S. Paulo, «é o embaixador de Jesus Christo, o ministro de Deus, o ecónomo de seus mysterios.» Por isso, as sociedades christãs, para as mais esplendorosas manifestações de sua fé, acercam-se reverentes do sacerdote, estudam de seus labios os dogmas venerandos e as grandes verdades do thesouro da Igreja, fortalecem-se pelos sacramentos, mananciaes inexauriveis da paz, da consolação, da virtude, da sanctidade, que torna a Igreja militante uma eschola de heróes, onde se formam os principes e os vassallos da cidade de Deus.

Felicitemos com todas as véras o esperançoso levita e sua digna Mãe, que na educação primorosa de seus filhos, parece tomara como dictadas para si as instrucções que a piedosa viuva Læta aprendera dos labios de S. Jeronymo.

A capella ostentou n'aquelle dia suas mais preciosas galas; a concorrência dos fleis foi numerosissima apesar do tempo chuvoso fazer embaraço aos menos animosos; prégou o insigne orador Fr. Manuel das Chagas; foram presentes pessoas distinctissimas, entre as quaes numero notavel de sacerdotes.

Morte d'um sabio.—A Companhia de Jesus, essa phalange de benemeritos hoje espalhada por todas as partes do mundo, pranteia a perda d'um de seus mais illustres membros. O R. Padre Brunengo, redactor da *Civiltà Catholica*, falleceu em Roma em 15 do mez passado. Mais um que Deus chamou a receber o premio do bom combate.

Fr. Manuel das Chagas em Lisboa.—Lêmos no *Commercio do Minho*:

«O notavel orador portuguez frei Manoel das Cinco Chagas, religioso varatojano, prégou em Lisboa, alternadamente, quatro sermões, na capella da Ordem Terceira de S. Francisco, onde se está celebrando, com muito luzimento, a solemnidade do mez de Maria.

Para se poder ouvir era preciso não ir tarde; porquanto a igreja, embora o sermão fosse ás 7 e 1¼ da tarde, ás 5 via-se completamente repleta de fleis, vindos de todas as direcções da cidade: podendo calcular-se, em cada um dos quatro dias, para mais de 1:500 pessoas, d'ambos os sexos, que o escutavam; pois que os corredores, côro e outras dependencias da casa tambem estavam *d'cumha*, tal era a avidéz d'ouvir a palavra eterna saida dos labios d'um frade, d'um humilde filho de S. Francisco d'Assis.

Um collega da capital, arrebatado pelas imagens surprehendentes do eximio orador, chama-lhe o Padre Agostinho de Monte Feltro portuguez.»

Primeira communhão.—Na parochial igreja de Sancta Engracia, em Lisboa, no domingo 17, houve uma d'aquellas festas, que de si deixam sempre indelevel e consoladora impressão. Foi a communhão de meninos. Cincoenta e quatro creanças foram n'aquelle dia admittidas ao banquete eucharistico, fortalecendo sua alma para os combates da vida, tão fortes e assiduos nos tempos em que hoje estamos.

O digno Parocho offereceu ás creanças um almoço excellente, conduzindo-as, terminado elle, ao paço de S. Vicente de Fóra, onde receberam o sancto chrisma.

Collegio do Espirito Sancto em Braga.

—Este notavel estabelecimento de educação, um dos mais bem montados do paiz pela disposição e amplitude do edificio, zelo e proficiencia de seus directores e professores, contando cerca de 200 alumnos (entre os quaes 30 educados gratuitamente com destino a evangelisação das nossas colonias), obteve magnifico triumpho nos exames de admissão. Foram 37 as approvações dos alumnos internos d'aquelle casa. Findos os exames, houve uma excursão de recreio ao Bom Jesus do Monte e Samedeiro, onde os alumnos agradeceram fervorosamente a *Sedes Sapientiae* a protecção concedida a suas lides escolares.

Nossos parabens a professores e discipulos.

Morte preciosa.—Falleceu o piedoso bispo d'Angoulême, Monsenhor Sebeaux, na tarde do domingo de Pentecostes, recebendo n'esse mesmo dia a benção de S. Sanctidade. A curta doença que victimou o digno prelado, principiou-lhe a 11 de maio, na conclusão de sua visita pastoral.

Rodeado de varios membros do cabido, do vigario geral, e sr. Bispo de Puy, e disposto a receber a Extrema Unção, conhecendo proximo o seu fim, proferiu serenamente as palavras seguintes, que a todos causaram viva sensação:

«Vi-me, srs., acommettido esta noite d'uma febre terrivel, que me impediu qualquer idéa. Hontem, parecendo-me que não fosse urgente, recusei a communhão por Viatico. Deus me perdõe a falta commettida. Por isso, esta noite, embora não fosse muito regular, recebi a sancta communhão sem aparato.»

Depois, voltando-se para o sr. Bispo de Puy, disse-lhe: «Ha alguns annos, senhor, fui convidado a concorrer para uma obra importante, a vossa elevação ao solio episcopal. Agora vos envia aqui a Providencia fazendo-vos concorrer para uma obra triste: ajudai-me, senhor, a subir ao solio da gloria, que Deus reserva aos escolhidos. Embora grandes esforços para me fazerem deixar esta diocese, sempre aqui desejei viver e morrer: a ella fui e sou em extremo dedicado; sempre achei submissão e sympathia no meu clero, no meu capitulo, em leigos excellentes, em muitas almas piedosas. Aqui vos convidei, srs., para pedir-vos o soccorro de vossas orações e rogar-vos que fagais orar por mim. Conheço bem estar perto a minha ultima hora; ponho-me nas mãos do meu Deus, á sua vontade sancta me abandono para sempre.»

Recebida a Extrema Unção, ministrada pelo sr. Bispo de Puy, respondendo a todas as orações com notavel fervor, adormeceu placidamente em seu derradeiro somno.

Ainda uma boa morte.—No Porto, falleceu o Conselheiro Adriano d'Abreu Cardoso Machado, procurador geral da coroa, reitor da Universidade de Coimbra e ministro de Estado honorario. Apezar de tam distrahido pelos importantes cargos que exerceu, jamais se apagou n'aquelle espirito naturalmente recto a luz consoladora da fé. Ao sentir proxima a hora extrema, elle proprio revelou desejo de premunir-se com os Sacramentos da Igreja para a viagem ultima, e poz os devidos cuidados em obter indulgencia no juizo de Deus.

Beati mortui qui in Domino moriuntur.

Junho—2.

F.